

Participação, cooperação, colaboração na relação dos dispositivos de investigação com a esfera da ação sob a perspectiva da pesquisa-ação

Michel Thiollent¹, Lúcia Oliveira²,

¹UNIGRANRIO – PPGA, Rio de Janeiro, Brasil
m.thiollent@gmail.com

²Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Portugal
lidia@ua.pt

Resumo. Nosso objetivo é de propor uma reflexão problematizando a metodologia de pesquisa qualitativa em suas vertentes de pesquisa-ação participativa, cooperativa e colaborativa, complementadas pelas opções de intervenção e parceria. Trata-se de mostrar – aqui de modo apenas esboçado – como, em cada modalidade, o dispositivo investigativo se relaciona com o universo observado e como os relacionamentos dos atores e dos pesquisadores contribuem em termos de construção de conhecimento e de ações potencialmente transformadores. Também é mencionado que a atualização dessa problemática requer subsídios de teorias da comunicação, da linguagem e da argumentação, a ser repensado no mundo digital.

Palavras-chave: Pesquisa-ação, participação, cooperação, colaboração, intervenção, comunicação, mundo digital.

Título do artigo em inglês

Abstract. Our goal is to propose a reflection questioning the qualitative research methodology in their participatory action research trends, cooperative and collaborative, complemented by options for intervention and partnership. This is to show - here only sketchy way - as in each mode, the investigative device relates to the observed universe and how the relationships of actors and researchers contribute in terms of knowledge construction and potentially transforming actions. We also mentioned that the update of this problem requires contributions of theories in communication, language and reasoning, to be renewed in the digital world.

Keywords: Action research, participation, cooperation, collaboration, intervention, communication, digital world.

1 Introdução

A pesquisa-ação e suas diversas variantes participativas, cooperativas, colaborativas são consideradas como fazendo parte da investigação qualitativa.

Em metodologia da pesquisa-ação sempre é preciso problematizar o relacionamento que se estabelece entre a pesquisa (lado do dispositivo da investigação) e a esfera da ação composta de atores em situação a ser pesquisada (lado da possibilidade de mudança). Tal relacionamento é complexo, apresenta-se em diversas modalidades e possui vários graus de intensidade. No presente contexto, a noção de dispositivo remete ao conjunto de pesquisadores social e institucionalmente definidos e de conhecimentos, métodos, técnicas e instrumentos em uso nos projetos. Por sua vez, os atores remetem a indivíduos, instituições e grupos dotados de uma capacidade de agir na situação considerada.

Na terminologia metodológica, esse relacionamento é designado por termos como participação, colaboração, cooperação e, também, intervenção, parceria, que estão nas raízes de denominações

adjetivadas: pesquisa participativa, colaborativa, cooperativa, intervencionista, em parceria (*recherche partenariale*) (Doucet & Dumais, 2015).

Esses termos têm significados evidentemente diferentes e apontam para múltiplas diferenças no que diz respeito à organização do projeto de pesquisa na sua relação com a situação e à comunicação entre os pesquisadores e atores. No entanto, uma base comum a todos consiste na explicitação do relacionamento entre os dois polos, com pertinência em termos de pesquisa, interpretação de dados e possíveis construções teóricas e práticas.

Em vez de considerar essas diferenças como sinais de separação entre diferentes propostas fechadas ou até incompatíveis, nós temos preferido percebê-las como amplo leque de possibilidades das relações do dispositivo com o mundo a ser investigado e seus atores (Thiollent, 2014a).

O objetivo desta comunicação é propor uma reflexão sobre essa questão, mostrando diferenças e convergências que existem entre diferentes tipos de pesquisa-ação, em particular nas relações do dispositivo de investigação com a esfera da ação. De modo complementar, indicaremos algumas consequências sobre as técnicas concretas de coleta de informações, que deveriam se tornar mais dialógicas, e algumas implicações teóricas em termos de comunicação, linguagem e argumentação, levando em conta novas tendências de pesquisa que se abrem no mundo digital.

2 Diferenças de terminologia e de práticas

Não devem ser confundidas a observação participante em etnografia e antropologia e a pesquisa participante em educação e em outras áreas aplicadas, como é concebida e praticada em particular no contexto latino-americano. Desdobrou-se em “pesquisa ação participante”, como tendência internacional, influenciada por Fals Borda (2006) e bastante difundida nas Américas do Norte e do Sul. O conhecimento da metodologia da observação participante é útil para quem trabalha com a pesquisa participante, mas há neste último um tipo de compromisso recíproco entre pesquisadores e pesquisados que é muito mais sutil que uma simples imersão no meio observado.

No plano internacional, com a multiplicação das modalidades de pesquisa, hoje é possível distinguir métodos centrados na PARTICIPAÇÃO com intensidades variáveis; na COOPERAÇÃO com mais horizontalidade e maior exigência de reciprocidade entre os membros; na COLABORAÇÃO em pequena ou grande escala, porém, nem sempre com total reciprocidade, na INTERVENÇÃO, com possibilidade de limitar a unilateralidade; a PARCERIA, entre diversos atores interessados que se relacionam por meio de negociação e contratos formais e informais.

Não existe consenso sobre as semelhanças e diferenças existentes entre participação, colaboração, cooperação. As relações sociais subjacentes a cada tipo são definidas com variadas exigências de reciprocidade, de horizontalidade ou de intensidade.

Na pesquisa-ação existe ênfase na ação. As ações são discutidas, analisadas, deliberadas, decididas com pleno consenso ou não. São ações significativas para os atores em situação, com suas próprias formas de expressão e linguagens. São interpretadas pelos pesquisadores com base em diferentes referenciais. Além disso, são ações portadoras de aprendizagem e de conhecimento mútuo, com interações entre observadores e observados.

Outras distinções são estabelecidas entre fazer técnico, com aspecto instrumental, e agir social, com aspecto comunicativo. Na perspectiva transformadora, a ação é vista como fator de mudança, como nos casos, por exemplo, de ações afirmativas, ações de protesto, reivindicações, queixas, ampliação de direitos, reconhecimento, com consequências sobre comportamentos individuais e coletivos, atitudes, opiniões, preconceitos.

As relações entre o dispositivo e mundo investigado, com delineamento de ações, podem ser analisadas do ponto de vista sociopolítico, em termos de negociação, resolução de conflitos,

empoderamento. Também essas relações são consideradas do ponto de vista da comunicação para mostrar como a linguagem é utilizada na hora de fazer perguntas e obter respostas, nas trocas dialógicas ou nas narrativas dos membros da situação e, também, como a linguagem é interpretada na situação e como ela define possíveis ações avaliadas nos planos da factibilidade e da ética das condutas que lhes são associadas. Para, além disso, as tecnologias de informação e comunicação desempenham atualmente um papel muito importante assumindo até papéis ambivalentes entre dispositivo e mundo investigação, para além de espaço de ação. Nomeadamente, a pesquisa-ação vê-se presente também no âmbito do desenvolvimento de artefatos sóciotécnicos, físicos ou digitais, em que se recorrer ao procedimento de envolvimento dos atores, futuros usuários, na definição das necessidades comunicativas, numa estratégia de design participativo que visa a mudança de um coletivo. Ainda no âmbito das novas ecologias midiáticas emergentes dos ambientes digitais se deve reconhecer o papel a desempenhar pela pesquisa-ação na compreensão e geração de mudança dos coletivos participativos on-line.

3 Participação e cooperação

A participação nos projetos se apresenta com vários tipos, modalidades e graus de intensidade. A participação se refere à qualidade de um relacionamento em que a imposição e o constrangimento são evitados e substituídos por um sentimento de pertença, com compartilhamento ou reciprocidade. A participação não é uma alternativa de tipo “sim” ou “não”. Existe escala com graus altos e baixos, flutuando no tempo e evoluindo de modo crescente ou não.

A tipologia das participações apresentada na década de 1980, por Desroche (2006) inclui também modalidades que se diferenciam em função da busca de explicação, de aplicação ou de implicação e que, combinadas com graus de intensidade alto ou baixo, geram 8 tipos de participação na pesquisa (integral, aplicada, distanciada, informativa, espontânea, usuária, militante, ocasional). Na concepção de André Morin, o desenvolvimento da metodologia de pesquisa-ação se concentra no nível da integralidade, isto quer dizer, quando os graus são máximos nas três modalidades (explicação, aplicação, implicação). Daí a denominação “pesquisa-ação integral” (PAI). A partir dos anos 1990, com o acréscimo da dimensão sistêmica, a proposta do autor se transformou em “pesquisa-ação integral sistêmica” (PAIS). (Morin, 2004).

Desroche propôs um tipo de pesquisa-ação cooperativa, ou pesquisa-ação associada a um projeto cooperativo em organização ou em educação permanente (Thiollent, 2014b), com forte reciprocidade (ou relação dialética) entre atores e autores. Isso se manifesta no relacionamento investigativo e também na discussão de resultados e na finalização escrita, de modo coletivo. Dando continuidade, na concepção desenvolvida por André Morin (2004), existem várias modalidades de escrita coletiva com mediação de âncoras.

A cooperação é um processo dinâmico e evolutivo entre dois ou mais atores. Os pesquisadores precisam reunir informações sobre a percepção da cooperação – ideal e real – entre os atores. Desde o início do projeto, é preciso avaliar a disposição dos atores a cooperarem (cooperatividade) entre si para definir uma ação possível, com suas implicações em termos de expectativas de ganhos materiais ou simbólicos. Também é importante saber como os atores aderem ou se distanciam dos comportamentos mais comuns, isto é, daqueles voltados para interesses individuais, a competição. A continuidade do projeto existe somente se houver cooperação com reciprocidade. Quando os atores não mostram interesse, o projeto pode ser interrompido (Brose, 2004) ou convertido em observação de alguns aspectos da realidade, sem participação. Em especial, o âmbito da psicossociologia (e da psicossociologia da comunicação) tem, portanto, a usufruir de cenários de pesquisa-ação em que a cooperação se apresenta dinâmica paradigmática.

4 Colaboração e parceria

Hoje, a colaboração parece estar mais presente com a recente visão da pesquisa em redes e com parcerias e sinergias entre grupos de pesquisa (Audoux & Gillet, 2015; Bonny, 2015). A colaboração é frequentemente pensada em redes relacionando os atores de modo flexível, sem estreita vinculação, com intensidade variável e intermitência das interações. Trata-se de um relacionamento sem o forte compromisso ou engajamento, quase militante, que era exigido nos anos 1960-80. No contexto canadense, como na pesquisa participativa, na pesquisa em parceria existe um dispositivo de colaboração entre pesquisadores profissionais e atores sociais (instituições, sindicatos, movimentos sociais, etc.). No entanto, “[...] na pesquisa participativa a contribuição dos atores não acadêmicos tem um caráter mais intenso, e até mais radical, que na pesquisa em parceria (*recherche partenariale*), em sentido estrito.” (Dumais, 2011,4). A pesquisa participativa apresenta uma intencionalidade mais emancipatória que a da pesquisa em parceria, de maior grau de formalização ou institucionalização. Para mais ampla visão dessa evolução da pesquisa-ação nas Américas, veja-se Anadón & Savoie-Zajc (2007).

5 Intervenção

Próxima da pesquisa-ação, a concepção de pesquisa-intervenção possui uma longa tradição que foi influenciada por tendências da psicologia social, psicossociologia ou ainda, análise institucional, em que se destacou o conceito de intervenção psicossocial (Dubost, 1987; Hess, 1983). Na tradição da psicossociologia francesa, a intervenção foi definida por Georges Lapassade (1966, 208) como “método pelo qual um grupo de analistas, respondendo à demanda de uma organização social, institui nesta organização um processo coletivo de autoanálise. Os instrumentos são a enquete por entrevistas, cuja síntese está, em seguida, proposta ao conjunto do grupo (*feedback*), o que desencadeia um novo processo de análise coletiva, com comissões de trabalho, etc.”. Este procedimento se estendeu a várias concepções da pesquisa-ação, não restritas à análise institucional.

A relação entre o lado psicológico e o lado sociológico varia segundo os autores. Especialmente em sociologia dos movimentos sociais, Touraine (1978) também havia trabalhado com um conceito vizinho, o de “intervenção sociológica”, aplicável aos movimentos sociais.

A evolução da análise institucional, suas dissidências e metamorfoses, dos anos 1980 em diante, são analisadas por Felder (2007). Recentemente, a concepção de pesquisa centrada na intervenção tem sido atualizada no âmbito de estudos sobre o trabalho humano (ergonomia), nas abordagens clínicas do trabalho (Bendassolli & Soboll, 2011) e também na área interdisciplinar denominada “Estudos Organizacionais” (Cassandre, 2012).

Quando associada ao conceito de intervenção, a pesquisa estabelece uma relação com a situação de modo mais direcionado, atribuindo aos pesquisadores um papel mais forte que uma “simples” participação ou colaboração.

O termo “intervenção”, por seus aspectos semânticos, apresenta-se como mais unilateral – ação de fora para dentro –, ou pressupor menos reciprocidade entre as partes interessadas que noções mais usadas, como cooperação ou colaboração. No entanto, com os cuidados que psicossociólogos sabem administrar, a intervenção também remete a algum tipo de interação entre grupo de pesquisa e campo pesquisado, com finalidade positiva em termos de elucidação e valores de compartilhamento. Por outro lado, para a maioria dos antropólogos, qualquer forma de intervenção, ou qualquer procedimento suspeito de “intervencionismo”, deve ser afastado. Pois o ideal é preservar a cultura dos grupos observados de toda interferência e, além disso, a legitimidade do papel ativo dos

pesquisadores é sempre questionável, de acordo com essa visão. Por sua vez, os partidários da pesquisa-intervenção minimizam essa interferência, conduzindo-a de modo controlado e recusam a manipulação.

6 Revisão das técnicas de coleta de informação

Na perspectiva de pesquisa-ação participativa, para coletar dados é possível usar técnicas bem conhecidas na concepção convencional da pesquisa social: questionários, entrevistas individuais, grupos focais, análise de conteúdo, etc. Todavia, é preciso tomar cuidado com o uso dessas técnicas que, na maioria das vezes, foram concebidas de modo unilateral, sem diálogo, e até mesmo com etnocentrismo ou visão autoritária do suposto cientista onipotente, definidor da objetividade, detentor da verdade, monopolizador da categorização e da interpretação.

Para adequar essas técnicas ao espírito da pesquisa participativa, precisamos salientar suas limitações, rever seus fundamentos e pressupostos, redesenhar seus procedimentos. Sem entrarmos aqui numa discussão detalhada dessas questões, mencionaremos o seguinte.

A discussão das características unilaterais das técnicas de pesquisa social convencional já foi iniciada há muito tempo (Thiollent, 1980). Seria útil atualizá-la levando em conta a evolução das técnicas de pesquisa qualitativa das últimas décadas, como, por exemplo, a entrevistas narrativa, episódica (Flick, 2004), a entrevista compreensiva (Kaufmann, 2014) e uma renovação da história oral e das técnicas de biografia e autobiografia. Na crítica a ser promovida, trata-se de salientar limitações e distorções provocadas pelas técnicas de pesquisa, quando concebidas e aplicadas de modo unilateral, impondo a visão do pesquisador sobre a dos investigados.

A pesquisa-ação e diversos métodos de pesquisa participativa são considerados como fazendo parte da investigação qualitativa. Embora possam ser usados em seu seio dados quantitativos, para ter uma ideia, por exemplo, do tamanho das populações e de suas características facilmente quantificáveis (renda, moradia, famílias, consumo, etc.), considera-se que a metodologia utilizada enfatiza os aspectos qualitativos da observação de fatos. Dados quantitativos não se apresentam como verdades indiscutíveis; são sempre interpretados em função das visões – por vezes divergentes – dos atores e pesquisadores.

Autores como Pinto (2014) e Salmona (1994) associaram à pesquisa-ação diferentes técnicas complementares que, embora tivessem características próprias e contextos de uso independentes, contribuem positivamente junto aos procedimentos da pesquisa-ação em perspectiva aberta. É o caso de técnicas de expressão gráfica, ou técnicas pictóricas de representação de situações e problemas. Em assuntos relativos à produção de pequenos agricultores, usam-se mapas das propriedades, localização de mananciais, calendários sazonais de atividades, ações e decisões a serem tomadas. Segundo Salmona, o objetivo do uso dessas técnicas é de fazer emergir o “conjunto do sistema de ação e pensamento do grupo ou indivíduo”; de “completar as informações coletadas por meio de entrevistas e questionários”; de “desencadear uma reflexão reintegradora de sentido e crítica sobre as práticas da vida cotidiana” (Salmona, 1994, 162).

De modo complementar, podem ser acopladas à pesquisa-ação várias técnicas de expressão corporal e de sociodrama (Bidart-Novaes & Brunstein, 2014). Também são mencionadas práticas cênicas inspiradas no Teatro do Oprimido de Augusto Boal (2009). Outras iniciativas de grupo são objeto de filmagem em vídeo, com análises por meio de técnicas específicas para material audiovisual.

Em suma, em matéria de observação e técnicas de coleta de dados, de acordo com a concepção da pesquisa-ação, os pesquisadores não deveriam considerar apenas as técnicas mais usuais, mas privilegiar métodos mais interativos e dialógicos.

7 Problematização da interação, comunicação e linguagem

A interação que se estabelece na aplicação de um projeto investigativo dentro de um grupo social, uma comunidade ou entidade, pode ser encarada como um processo de comunicação entre indivíduos dotados de uma linguagem e de diversos meios para emitir, receber, interpretar mensagens apontando certos aspectos de uma realidade também, aspectos simbólicos, metafóricos, etc.

Para rever os princípios da pesquisa-ação é necessário problematizar a relação entre linguagem e ação, em termos gerais da filosofia da linguagem e, em termos práticos, na concepção da pesquisa-ação – relação entre o dispositivo de pesquisa e o mundo da ação (a dos atores envolvidos na situação considerada no projeto).

A relação entre linguagem e ação é um tema bem conhecido em filosofia da linguagem e pode ser discutido à luz de diversas tendências: pragmática, semiótica, praxiologia, teoria dos atos de fala, fenomenologia, etnometodologia, interacionismo simbólico, teorias do comportamento verbal, etc.

De modo bem sintético, salienta-se que, em matéria de filosofia da linguagem, no que diz respeito à relação entre linguagem e ação, a grande “revolução” do século, também denominada “*linguistic turn*” consistiu na superação da teoria representacional (as palavras, os conceitos são representações de elementos do mundo) em prol da teoria da performatividade (em dados contextos, as palavras proferidas por atores possuem efeitos de *performance*, funcionando como ações sobre o mundo). Tal mudança de concepção da linguagem, iniciada por Wittgenstein e continuada por Austin e Searle, está na base de fortes implicações comunicacionais na teorização da ação social.

Outro tema de teoria da linguagem que é pertinente para a (re)conceituação da pesquisa-ação é o da argumentação. André Morin (2007) indicou que, em *Ética a Nicomaca*, Aristóteles apresentou elementos de uma filosofia da ação relacionada com a deliberação entre diferentes interlocutores. Sua concepção da ação põe em relação linguagem (argumentação, deliberação) e ação ou decisão na prática de um grupo social.

A ênfase nos aspectos argumentativos na construção do conhecimento relativo à ação é discutida em termos gerais e, também, no caso particular de uma proposta de pesquisa-ação. Isso já havia sido comentado no livro introdutório, *Metodologia da Pesquisa-ação* (Thiollent, 2012), alguns aspectos do papel da argumentação no processo de pesquisa, tomando apoio principalmente na clássica concepção da “nova retórica” de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996).

A discussão sobre argumentação, junto aos processos de pesquisa, desenvolveu-se, especialmente, sob a influência de Toulmin (1922-2009), importante filósofo da linguagem, que participou ativamente em discussões sobre a epistemologia da pesquisa-ação (Eikeland, 2012).

8 Era digital

Com a atual evolução da tecnologia, os diferentes aspectos da comunicação e da linguagem no processo de investigação participativa têm de ser considerados numa dupla dimensão. Por um lado, temos cenários em que a comunicação só abrange as relações interpessoais através da linguagem oral ou escrita sem intermediação da tecnologia digital, mas a tendência é para a convergência entre este cenário e a sua hibridação com cenários de mediação tecnológica em que todas as formas de comunicação são mediadas pela tecnologia (meios de informação, de recepção passiva, e comunicação individualizada ou grupal, com papel ativo dos sujeitos). Recorrendo à proposta de Thompson teremos três tipos de interação: interação face-a-face em que os atores do processo comunicativo se encontram presencialmente podendo usufruir da riqueza e complexidade da linguagem, nomeadamente, da língua não verbal (como gestos, timbre de voz, olhar, etc.); interação

mediada em que há um meio entre os sujeitos da relação, que pode ir da simples folha de papel até a um serviços telemáticos, no qual todos os atores envolvidos podem interagir entre si num estatuto de horizontalidade e quase-interação mediada em que não existe reciprocidade e a comunicação se transforma num processo unilateral em que o emissor tem um poder maior do que o receptor (exemplo típico são os *mass media*) (Thompson, 2008, p.13).

O desafio para o processo de investigação-ação está no fato de os novos cenários comunicacionais *on-line* fazerem convergir os três tipos de interação no mesmo espaço virtual criando um novo espaço antropológico (Oliveira, 2001). Este espaço antropológico desmaterializado ganha uma nova relação com a materialidade com o surgimentos da designada internet das coisas - “Na cultura contemporânea, mediadores não-humanos (objetos inteligentes, computadores, servidores, redes telemáticas, *smart phones*, sensores, etc.) nos fazem fazer (nós, humanos) muitas coisas, provocando mudanças em nosso comportamento no dia-a-dia e também, em contrapartida, recursivamente, mudamos esses não-humanos de acordo com as nossas necessidades.” (Lemos, 2013, p.19). Há uma hibridação dos espaços e das linguagens que sustentam o processo de comunicação-ação, que deve ser considerada no desenho da investigação-ação na era digital.

Na investigação-ação em contexto de comunicação *on-line*, digital, há que considerar os processos que transformam as relações sociais anteriores, devido ao fato de se inserir a potencialidade ou virtualidade de conexões em quantidade indefinida e bastante imprevisível. Por exemplo, o estudo da mobilização social através das redes sociais *on-line* com recurso à pesquisa-ação, de modo a gerar compreensão dos novos rituais comunicacionais (Oliveira, 2010), com potencial de mobilização dos seus atores para a participação cidadã.

O contexto contemporâneo de mediação tecnológica e comunicação em matriz de interação em rede cria novos cenários de investigação em que os processos de relacionamento entre o polo dos dispositivos e o polo dos atores se reconfigura e desafia as metodologias. A nova área designada de *digital humanities* congrega novos desafios de investigação relativa à aproximação da tecnologia e das ciências sociais e humanidades em que a comunicação entre dispositivos e atores se diversifica e complexifica. Outro cenário hodierno que desafia a pensar a relação entre os polos é o criado pelos designados *Big Data*, em que os dados são simultaneamente emanações dos atores, dispositivos e campo de ação.

Há assim um campo aberto para questionar e aprofundar o conhecimento sobre o papel desempenhado pelas tecnologias digitais e respectivos serviços de comunicação interativa na perspectiva da pesquisa-ação. Trata-se de analisar, no sentido de compreender na abordagem comunicativa, a estrutura do fluxo e contra-fluxo (implícito/explicito) entre dispositivos e atores, no cenário da sociedade em rede, tecnologicamente mediada. Além disso, é preciso verificar o papel da Investigação Qualitativa em Contexto *Web* (*eResearch*, etnografia virtual, análise de interações, *corpus latent* na *internet*, etc.) na perspectiva da pesquisa-ação.

A pesquisa-ação é uma abordagem com potencial heurístico do sentido das dinâmicas nos espaços de imersão digital, desde o consumo dos objetos digitais às novas ambiências de cartografias digitais com realidade aumentada (Baldi & Oliveira, 2013), que colocam as diálogo diferentes territorialidades e atores. Deste modo, colocando o humano no centro das transformações sociais e considerando o investigador enquanto ator-investigador engajado nas vivências e na compreensão do que se transforma em ação, considerando que os atores sociais não são objetos passivos de investigação, mas sim atores que constroem mutuamente o processo de investigação com o ator-investigador. Deste modo, desencadeando processos recursivos de pesquisa-ação no contexto *on-line*, de elevada complexidade e inovação social.

9 Conclusão

Na perspectiva da pesquisa-ação, as relações do dispositivo de investigação com a situação observada e a esfera da ação possível remetem a diferentes configurações designadas por termos como participação, cooperação, colaboração, intervenção, parceria. Cada uma delas tem suas especificidades, com maior ou menor compromisso e reciprocidade na obtenção coletiva de informações concretas, na construção de conhecimento, no delineamento de ações, decisões ou estratégias. A renovação da metodologia de pesquisa-ação existe em escala internacional e com convergência, no sentido de propiciar maior capacidade de agir dos atores. A discussão não se limita apenas aos procedimentos de coleta de dados – que precisam ser da maior dialogicidade –, mas passa por uma profunda reconsideração dos fundamentos de teoria da comunicação, linguagem e argumentação. Com o início da era digital, todos os aspectos da comunicação precisam ser repensados, inclusive no contexto dos projetos de pesquisa participativa, colaborativa, cooperativa. Isso corresponde à abertura de novos canteiros de obras e não à listagem de soluções prontas.

Referências

- Anadón, M. & Savoie-Zajc, L. (2007). La recherche-action dans certains pays anglo-saxons et latino-américains. Une forme de recherche participative. In Anadón, M. (org.). *La recherche participative*. Multiples regards. Québec: Presses de l'Université du Québec, 11-30.
- Audoux, C. & Gillet, A. (2015). Recherches participatives, collaboratives, recherches-actions. In *Les recherches-actions collaboratives*. Une révolution de la connaissance. Rennes: Presses de l'EHESP, 44-47.
- Baldi, V. & Oliveira, L. (2013). Território hipermediatizado e convergências multilocalizadas: dialética entre terra e nuvens, in: Biegging, Patricia & Busarello, Raul Inácio (Orgs) (2013). *Experiências de consumo contemporâneo: pesquisas sobre mídia e convergência*, São Paulo: Editora Pimental Cultural, pp.28-46, ISBN: 978-85-66832-00-6. (Disponível no Google Livros: <http://books.google.com.br/books?id=0YlwOUtsSQC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>).
- Boal, A. (2009). *Teatro do Oprimido*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bendassolli, P.F. & Soboll, L.A.P. *Clínicas do Trabalho: Novas Perspectivas para Compreensão do Trabalho na Atualidade*.(Orgs.). São Paulo: Atlas, 2011. 288 p.
- Bidart-Novaes, M. & Brunstein, J. (2014). Aquecendo, encenando e compartilhando. Integrando o sociodrama e a investigação cooperativa nos Estudos Organizacionais. In: Streck, D.R., Sobottka, E.A. & Eggert, E. (Orgs.). *Conhecer e Transformar: Pesquisa ação e pesquisa participante em diálogo internacional*. Curitiba: Editora CRV, 179-193.

- Bonny, Y. (2015). Les recherches partenariales participatives: ce que chercher veut dire. In: *Les recherches-actions collaboratives. Une révolution de la connaissance*. Rennes: Presses de l'EHESP, 36-43.
- Brose, M. (2004). *Participação na extensão rural: Experiências inovadoras de desenvolvimento local*. Porto Alegre: Editorial Tomo.
- Cassandre, M. P. (2012). *Metodologias intervencionistas na perspectiva da teoria da atividade histórico-cultural: um aporte metodológico para estudos organizacionais*. Curitiba: Universidade Positivo. Tese (Doutorado), 300p.
- Doucet, M.-C. & Dumais, L. (2015). La recherche-action collaborative, une activité dialogique pour produire des connaissances. In: *Les recherches-actions collaboratives. Une révolution de la connaissance*. Rennes: Presses de l'EHESP, 75-84.
- Dubost, J. (1987). *L'intervention psycho-sociologique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Dumais, L. (2011). La recherche partenariale au Québec. Tendances et tensions à l'université. Disponível em: <https://sociologies.revues.org/3747>
- Desroche, H. (2006). Pesquisa-ação: Dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa. In: Thiollent, M. (org.). *Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche*. São Carlos-SP: Editora UFSCar, 33-68.
- Eikeland, O. (2012). Action Research – Applied Research, Intervention Research, Collaborative Research, Practitioner Research, or Praxis research? *International Journal of Action Research*. München, 8 (1), 9-44.
- Fals Borda, O. Entrevista. In Brandão, C. R. & Streck, D. R. (Orgs.). *Pesquisa participante: a partilha do saber*. Aparecida-SP: Ideais & Letras, 2006.
- Felder, D. (2007). *Sociologues dans l'action*. La pratique professionnelle de l'intervention. Paris : L'Harmattan.
- Flick, U. (2004). *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2.ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hess, R. (1983). *Sociologia de Intervenção*. Porto: Rés.
- Kaufmann, J.-C. (2014). *L'entretien compréhensif*. 3.ed. Paris: Armand Colin.
- Lapassade, G. (1966). *Groupes, organisations, institutions*. Paris: Gauthier-Villars.
- Lemos, A. (2013). *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume.
- Morin, A. (2004). *Pesquisa-ação Integral e Sistêmica. Uma antropopedagogia renovada*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Morin, A., Gadoua, G. & Potvin, G. (2007). *Ciência, Saber, Ação*. São Paulo: Cortez.

- Oliveira, L. (2001). A Internet – A Geração de um Novo Espaço Antropológico, a convite, in: Lemos, A.; Palacios, M. (Orgs) (2001), *Janelas do Ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina. pp.151-171, ISBN: 85-205-0278-4. (Acessível em: https://www.academia.edu/5803895/A_Internet_-_A_Geracao_de_um_Novo_Espaco_Antropologico) DOI: 10.13140/RG.2.1.1114.5122
- Oliveira, L. (2010). “[A sociedade dos fluxos comunicacionais e novos eventos rituais: o caso das redes sociais e dos smart/flash mobs](#)”, in: e-cadernos CES, nº8 – Rituais Contemporâneos, publicação trimestral, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, ISSN: 1647-0737, p.183-194, (Acessível em: <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/pages/pt/indice.php>).
- Perelman, C. & Olbrechts-Tyteca, L. (1996). *Tratado de Argumentação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pinto, J.G.B. (2014). A pesquisa-ação como prática social. In: Duque-Arrazola, L. S. & Thiollent, M. (Org.). *João Bosco Guedes Pinto. Metodologia, Teoria do Conhecimento e Pesquisa-ação*. Textos selecionados e apresentados. Belém: UFPA – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 132-156.
- Salmona, M. (1994). *Souffrances et résistances des paysans français*. Paris: L’Harmattan. (Chapitre II – Une recherche/action, 107-179).
- Thiollent, M. (org.). (1980). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 1.ed. São Paulo: Polis.
- Thiollent, M. (2012). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. 18.ed. São Paulo: Cortez (1.ed.,1985).
- Thiollent, M. (2014a). Pesquisa-ação/Pesquisa participante. Uma visão de conjunto. In: Streck, D. R., Sobottka, E.A. & Eggert, E. (Orgs.). *Conhecer e Transformar: Pesquisa ação e pesquisa participante em diálogo internacional*. Curitiba: Editora CRV, 15-25.
- Thiollent, M. (2014b). Henri Desroche et la recherche-action au Brésil. *Éducation Permanente*, n. 201, 190-198.
- Thompson, J. (2008). *A Mídia e a Modernidade : uma Teoria Social da Mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Touraine, A. (1978). *La Voix et le regard*. Paris: Seuil.